

APRESENTAÇÃO

*As coisas mais difíceis de falar são as
que nós mesmos não conseguimos entender.*

Elena Ferrante, A filha perdida

COMO TUDO COMEÇOU...

Esta pesquisa nasceu da minha experiência pessoal como mãe ao me deparar com as dificuldades que ninguém conta. Infelizmente, o universo da maternidade esbarra, ainda no século XXI, em idealizações e romantizações que só prejudicam as mães.

Antes de ter meu primeiro filho, muito desejado e planejado, fiz todo o pré-natal, como se deve, além de: hidroginástica para gestantes, curso para pais, curso de *shantala* para bebês, leitura de livros sobre maternidade e cuidados com o bebê.

Na época, era comum o uso do aplicativo *BabyCenter*, que informava o que acontecia com o bebê a cada semana no ventre materno. A princípio, era interessante, pois ficava imaginando o que estava acontecendo com o bebê dentro da minha barriga. Com o passar dos meses, pude perceber que estava “viciada” no aplicativo e que todos os dias dava uma olhadinha para ver se algo novo havia mudado em meu bebê. Fui ficando cada vez mais ansiosa com a proximidade do parto, mas também com a inquietação de a cada dia querer saber mais sobre o que o aplicativo iria me contar sobre o meu bebê.

Quando meu primeiro filho nasceu, imaginei que me tornaria mãe automaticamente e que tudo seria muito natural, afinal ter um filho faz parte da vida. Mal sabia

eu que ter um filho não faz nascer uma mãe, pois isso nem sempre acontece, por ser um encontro de dois seres estranhos e uma construção para a vida inteira. Aí começaram as minhas dificuldades, dentre elas, a amamentação. Meu bebê era voraz, faminto, eu tinha pouco leite, meu peito rachou, sangrou, tive mastite, sofri muito. A privação de sono me deixava irritada, e ficava angustiada quando estava sozinha em casa, não me sentindo capaz de cuidar do meu filho.

Além disso, como psicanalista, notei que muitas analisandas mães fazem uso das mídias digitais diariamente, sobretudo as mães de primeiro filho, visando a busca de dicas sobre como maternar e o compartilhamento de informações para amenizar suas angústias.

Em certa ocasião, uma de minhas analisandas relatou que se sentia culpada por não conseguir dar conta de tantos papéis a serem exercidos como mulher, mãe, profissional, filha. Contou-me que estava exausta física e psiquicamente diante de tantas demandas e que não sabia o que poderia fazer para conciliar seus desejos com as responsabilidades esperadas. Sentia que não estava presente na vida dos filhos o suficiente, pois seu filho sempre reclamava que ela usava muito as mídias digitais. Sua agenda não cabia dentro do tempo, que passava depressa demais para ver seus filhos crescerem.

Outro caso também chamou minha atenção: uma mãe adquiriu um curso de treinamento de sono online para fazer o filho de 2 anos dormir a noite inteira; essa paciente vivia exausta desde a gravidez. Além de padecer de problemas de sono, não conseguia estabelecer uma rotina de sono para seu filho, o que lhe causava grande sofrimento.

A experiência que tive no atendimento desses casos despertou-me o interesse em analisar a cultura dos cuidados maternos na contemporaneidade veiculada nas mídias digitais e, mais tarde, no decorrer da pesquisa, surgiu a inspiração de investigar a cultura do cuidado materno veiculada nas palestras do médico inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971) no rádio no pós-guerra e a cultura do cuidado materno veiculada pela mídia digital a partir de um grupo de mães do Facebook¹ sobre maternidade.

1 Em observância às normas da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), de forma a garantir o anonimato das usuárias e do grupo de discussão analisado, tanto os nomes das usuárias quanto a identificação do grupo foram suprimidos ou modificados.